

Produção de Vídeos Educacionais em Um Curso de Graduação a Distância: Importância e Dificuldades Sob a Ótica Discente

Renata B. M. Machado¹, Mayla M. B. de Sousa¹, Otávio V. Sobreira Júnior¹, Lydia D.M. Pantoja¹, Germana C. Paixão¹

¹Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas a distância da Universidade Estadual do Ceará/Universidade Aberta do Brasil (UECE/UAB)

Avenida Dr. Silas Munguba, 1700 – 60.714-903 – Fortaleza – CE – Brasil

{renata.machado@aluno.uece.br, mayla.benevides@aluno.uece.br,
otavio.sobreira@uece.br, lydia.pantoja@uece.br,
germana.paixao@uece.br}

Abstract. *The objective of this work was to analyze the importance and the difficulty in the production of educational videos in the disciplines, from the perception of students from the Biological Sciences Course at a distance of UECE/UAB, pole of Maracanaú-CE. For that, a semistructured online questionnaire was used, being made available to 25 students of the class through a hyperlink. The questionnaire collected the participant's impressions about the advantages, disadvantages and difficulties in the use of educational video in the evaluation process of learning. The results show that it is necessary to rethink the pedagogical use of this tool, especially in the evaluation process used in the course.*

Resumo. *Este trabalho tem por objetivo analisar a importância e a dificuldade quanto à produção de vídeos educacionais nas disciplinas, sob a ótica de alunos do Curso de Ciências Biológicas à distância da UECE/UAB, polo Maracanaú-CE. Para tal, utilizou-se um questionário online semiestruturado, sendo disponibilizado a 25 alunos da turma por meio de um hiperlink. O questionário coletou as impressões dos participantes sobre as vantagens, desvantagens e dificuldades na utilização do vídeo educacional no processo de avaliação da aprendizagem. Os resultados revelam que se faz necessário o repensar pedagógico do uso desta ferramenta, em especial no processo de avaliação utilizado no curso.*

1. Introdução

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDIC propiciaram transformações na sociedade e com isso desafios significativos na Educação a Distância – EaD. Com o surgimento da internet e das TDIC, surgiram novas formas de comunicação, fazendo com que os estudantes desenvolvam maior autonomia, traçando assim seus próprios caminhos em busca de informações e conhecimentos [Moran 2012].

Nesse contexto, tornar o aluno participante efetivo de seu processo de aprendizagem pode gerar resultados eficazes, fazendo com que ele se sinta cada vez

mais incluído no cenário, levando em conta sua autonomia quanto ao tempo, sua cultura, motivação, valores, objetivos, dentre outros fatores que podem interferir positiva ou negativamente na capacidade de assimilar informações novas.

Sendo assim, as ações em EaD são norteadas por alguns princípios, segundo Leite (1998, p. 38), podem ser citados:

Flexibilidade, permitindo mudanças durante o processo, não só para os professores, mas também para os alunos; Contextualização, satisfazendo com rapidez demandas e necessidades educativas ditadas por situações socioeconômicas específicas de regiões ou localidades; Diversificação, gerando atividades e materiais que permitam diversas formas de aprendizagem; Abertura, permitindo que o aluno administre seu tempo e espaço de forma autônoma.

Vale ressaltar que os Ambientes Virtuais de Aprendizagem – AVA dos cursos à distância apresentam várias ferramentas que facilitam a comunicação entre os participantes e, também, gerenciam a publicação de conteúdos e as atividades na plataforma. Essas ferramentas são denominadas em síncronas, em que os participantes estão conectados no ambiente simultaneamente (*online*), como webconferência, audioconferência e *chat*, e assíncronas, onde os interlocutores interagem no sistema em tempos diferentes, podendo ser citados os fóruns de discussão, *blogs*, e-mail [Corrêa 2007].

Uma das ferramentas com potencial para promover interação do aluno com o conteúdo estudado é o vídeo educacional, tendo em vista que reúne a linguagem falada e escrita, com a exploração de situações, sons, cores, cenários e pessoas por meios de imagens, em sua maioria, dinâmicas [Schneider, Caetano e Ribeiro, 2012]. Essa ferramenta possibilita que o aluno sintetize e sistematize a abordagem no assunto e consiga dominar aspectos para então se posicionar, produzir pensamentos e gerar opiniões acerca de seus resultados alcançados, para só então repassar no seu vídeo toda a sua conclusão ao telespectador. Para Ferres (1996), o uso dos vídeos como recurso pedagógico se justifica à medida que quanto mais sentidos são mobilizados durante uma exposição, melhor é a porcentagem de retenção mnemônica.

Inúmeras são as possibilidades de aplicações pedagógicas que podem ser atribuídas ao vídeo educacional, tais como a produção de vídeo-aulas, resenhas críticas e/ou documentários. A isso, soma-se a possibilidade de realizar diferentes avaliações de aprendizagem do aluno, não se resumindo apenas a provas escritas ou questões de múltipla escolha. Afinal, é notável que ao gravar um vídeo, o aluno desenvolve habilidades que contribuem para sua formação integral, tais como, a autoconfiança, postura, habilidade de falar em público, dentre outras que servirão não apenas no eixo acadêmico, mas para outras áreas de atuação profissional [Bacich, Tanzi Neto e Trevisani 2015].

A formação do aluno deve ter como cerne principal a construção de seres pensantes, capazes de formular opiniões e atribuir críticas construtivas. Por isso a avaliação dos vídeos educacionais precisa ter um foco no desenvolvimento múltiplo do aluno, proporcionando-lhe novos desafios, permitindo-lhes expandir seus conhecimentos e percorrer novos caminhos na educação, integrando infinitas possibilidades a todas as partes envolvidas no processo.

De acordo com Gomes (2009) e Klein (2012), um vídeo educacional necessita apresentar as seguintes características: a) Conteúdo – refere-se à qualidade científica, exatidão e apropriação do assunto, atualização, clareza, contextualização, pertinência, adequação da linguagem e do conteúdo ao público-alvo; b) Proposta pedagógica – relaciona-se às aplicações práticas do conteúdo, habilidades e competências que serão trabalhadas, sugestões de atividades, motivações para leituras mais amplas, exemplificações, esquemas e gráficos, dentre outros; c) Material de acompanhamento – presença de dados de identificação/créditos com as seguintes informações (título, autor, data e local da gravação, público a que se destina e duração); d) Veracidade – postura ética quanto à mensagem que deseja transmitir nesse tipo de material, sendo fundamental a dedicação, responsabilidade e uma profunda análise a respeito das informações que serão disponibilizadas; e) Legibilidade – qualidade do áudio e a imagem (iluminação, cores, qualidade técnica e estética dos elementos visuais); f) Originalidade – utilização de imagens e áudios próprios (inéditos).

Neste mister, o presente trabalho tem por objetivo analisar a importância e a dificuldade quanto à produção de vídeos educacionais nas disciplinas, sob a ótica de alunos do Curso de Ciências Biológicas a distância da Universidade Estadual do Ceará/Universidade Aberta do Brasil – UECE/UAB, polo Maracanaú-CE.

2. Metodologia

A abordagem metodológica quantitativa da pesquisa consistiu na aplicação de um questionário semiestruturado, com perguntas elaboradas através das vivências observadas e relatadas pelos alunos durante os encontros presenciais nas disciplinas.

Utilizou-se um questionário *online* semiestruturado, sendo disponibilizado a 25 alunos da turma por meio de um *hiperlink* utilizando a ferramenta Google Drive® como hospedagem. O questionário coletou as impressões dos participantes sobre as vantagens, desvantagens e dificuldades na utilização do vídeo educacional no processo de avaliação da aprendizagem. Ressalta-se que os participantes foram devidamente comunicados de que todos os dados coletados durante a pesquisa eram completamente anônimos e tinham fins estritamente acadêmicos.

O *hiperlink* da pesquisa foi disponibilizado por um período de sete dias, contendo dez perguntas, distribuídas em cinco seções, que abrangiam opções de respostas de múltipla escolha, escala linear e subjetiva (de livre resposta). As seções contempladas foram: informações gerais; dificuldades em produzir vídeos educacionais; envio das atividades em forma de vídeos educacionais; justificativa para não entregar o vídeo educacional; e sugestões para otimizar o uso da ferramenta. Na sessão em que era aferida as dificuldades em produzir vídeos educacionais, utilizou-se no instrumento de pesquisa uma escala linear de 1 a 5 para apontar o grau de dificuldade quanto a certas situações, sendo 1 equivalente a “nenhum” e 5 equivalente a “muito difícil”.

Em seguida, os dados foram catalogados, apresentados através de percentagens simples e confrontados a luz da literatura atual e pertinente.

3. Resultados e Discussão

No total, 14 alunos participaram da pesquisa, equivalendo a 56% da turma matriculada no polo de Maracanaú-CE. Quando indagados sobre a importância das mídias sociais no dia-a-dia, 71,4% dos alunos responderam ser de “muita importância”, enquanto 28,6%

afirmaram que as tais “são necessárias, mas somente em alguns momentos”. Isso evidencia que todos estão de acordo com o uso de mídias sociais e, conseqüentemente, tem ciência dos seus recursos, tais como: fotos, vídeos, áudios, dentre outros.

Paixão e Vidal (2015, p. 34) destacam que existem muitas vantagens na criação de suas próprias mídias, como os vídeos educacionais, uma vez que proporcionam ao aluno tornar-se:

[...] produtor do seu próprio conhecimento, possibilita a pesquisa, permite a experiência na produção de um material colaborativo, otimiza o desenvolvimento do pensamento crítico, promove a expressão e da comunicação, favorece uma visão interdisciplinar, integra diferentes capacidades e inteligências e valoriza o trabalho em grupo.

Em relação ao hábito dos alunos de produzirem vídeos autorais, de qualquer natureza, para serem postados em suas redes sociais (Facebook®, Instagram®, Twitter®, dentre outros), 64,3% dos participantes informaram que nunca postam seus vídeos em redes sociais; enquanto 26,6% responderam que elaboram os vídeos, mas raramente os postam em suas redes sociais; e, a minoria, 7,1% afirmou que além de produzir vídeos autorais tem o hábito de publicá-los (Figura 1).

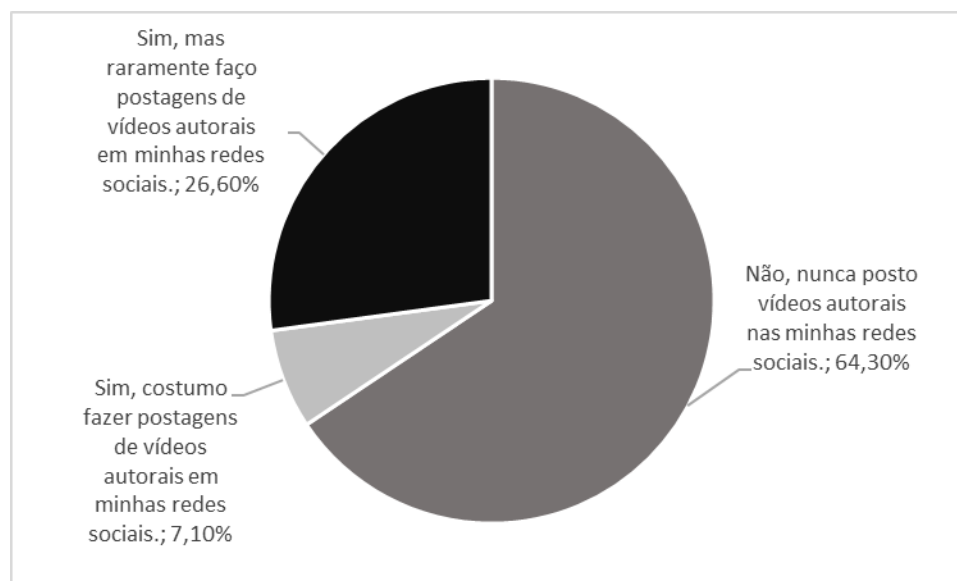


Figura 1. Representação gráfica do hábito de alunos de um curso de Licenciatura em Ciências Biológicas a distância de produzir vídeos autorais para serem postados em redes sociais

A pesquisa evidencia que a grande maioria dos alunos não tem o hábito de postar os vídeos pessoais em redes sociais. No próprio questionário, essa situação é justificada porque os alunos não se sentem confortáveis com a exposição nas redes. Autores como Gomes (2009) e Klein (2012) afirmam que a ferramenta precisa contemplar a originalidade, tal quesito é atingido com a utilização de imagens e áudios próprios (inéditos), logo, o aluno inevitavelmente precisa se expor durante a confecção do vídeo.

Quando indagados sobre a percepção da gravação de vídeos educacionais como uma estratégia relevante no processo de avaliação em EaD, notou-se que 42,9% dos alunos responderam ser de muita relevância, 35,5% afirmam que se faz necessário em alguns momentos, 14,3% percebem nenhuma relevância; enquanto 7,1% constataam pouca relevância (Figura 2). Isso demonstra que, apesar da maioria dos alunos estar ciente da importância do uso de vídeos educacionais como forma de avaliação no curso, alguns ainda não atribuem tanta relevância, o que reflete, diretamente, nas dificuldades apresentadas em produzir os vídeos, onde muito se questiona a necessidade de realizar essa atividade [Schneider, Caetano e Ribeiro 2012].

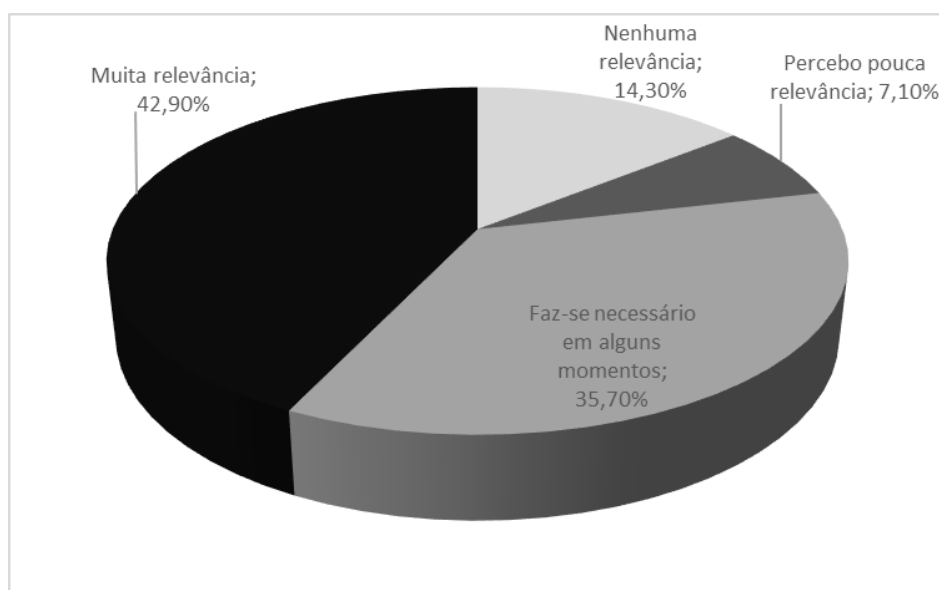


Figura 2. Representação gráfica da percepção de alunos de um curso de Licenciatura em Ciências Biológicas a distância sobre a gravação dos vídeos como estratégia relevante de avaliação em EaD

Cerca de 57% dos participantes mencionam apresentar alguma/muita dificuldade em se expor/apresentar em vídeos, ao passo que a metade afirmou apresentar bastante dificuldade em falar sobre as temáticas exigidas respeitando o tempo estipulado no comando da atividade; 64,3% dos participantes afirmaram que apresentam alguma ou muita dificuldade na edição dos vídeos; já em relação à postagem/envio do vídeo educacional produzido no YouTube® (no canal específico da turma), 78% dos alunos informou apresentar alguma/muita dificuldade na postagem, enquanto o restante afirma possuir pouca/nenhuma dificuldade (Tabela 1).

Ao serem questionados se no ano de 2017 haviam se absterido de entregar alguma das atividades que exigiam a produção de vídeo educacional, percebeu-se que três alunos informaram que “sim, deixei de entregar alguma um ou mais vídeos solicitados”, o que representa 21,4% do total de participantes. Ao serem instigados a relatar sobre os motivos principais da não entrega dos vídeos, obtivemos as respostas abaixo:

“Tempo.” (sic) (Aluno 1)

“Acho perda de tempo, algumas atividades poderiam focar mais nas discussões dos conteúdos empíricos ou em aulas práticas relacionadas aos assuntos da biologia.” (sic) (Aluno 2)

“Pouco tempo hábil para gravar.” (sic) (Aluno 3)

Tabela 1. Distribuição do grau de dificuldade em produzir vídeos educacionais na percepção dos alunos de um curso de Licenciatura em Ciências Biológicas a distância

	Grau de dificuldade				
	Nenhum	Pouco	Algun	Difícil	Muito difícil
Apresentar-se em vídeo educacional, que será utilizado como avaliação	21,4%	7,1%	14,3%	35,7%	21,4%
Falar sobre as temáticas exigidas no comando da atividade, se atentando ao tempo estipulado no comando da atividade	21,4%	7,1%	14,3%	35,7%	21,4%
Editar o vídeo produzido por você, utilizando ferramentas de edição	7,1%	28,6%	14,3%	21,4%	28,6%
Postar (enviar) o vídeo educacional produzido por você no YouTube® (no Canal específico da Turma)	7,1%	14,3%	28,6%	14,3%	35,7%

As informações revelam que alguns alunos não dispõem de tempo suficiente para elaborarem certas atividades que julgam ser mais laboriosas, ou não costumam organizarem-se para tal. No caso dos vídeos, além de alguns ainda não perceberem a importância da ferramenta no processo avaliativo, compreendem que seria mais vantajoso produzir outro tipo de atividade, utilizando outras ferramentas.

Por fim, foi solicitado aos alunos que conferissem sugestões para o aprimoramento do uso da ferramenta vídeos educacionais como instrumento avaliativo no curso. Dentre as respostas transcritas pelos alunos, se destacam:

“Ser de uso optativo incluir pessoas externas ao trabalho como fazer em dupla ou sozinho.” (sic) (Aluno 4)

“Minha maior dificuldade é na edição do vídeo e na criação de uma estrutura e apoio que possibilite a gravação do vídeo, como tripé, auxílio de outra pessoa para gravar, dar pause, fazer a direção da cena, dar dicas de cenários, elaborar o roteiro do vídeo.” (sic.) (Aluno 5)

“A minha sugestão seria minicurso para utilização de certas ferramentas. Tipo: como editar vídeos.” (sic) (Aluno 6)

“Acredito que uma forma de otimizar o uso de vídeos educacionais para contribuir com o ensino a distância seria estabelecer um critério opcional com relação a gravação de vídeos que envolvam outras pessoas não relacionadas ao curso, pois há situações que as pessoas se recusam a gravar, por que não gostam de se expor. Outra sugestão, seria disponibilizar mais recursos para as pessoas que possuem mais dificuldades em postar os vídeos no canal, seria uma maneira de evitar que alguns alunos deixassem de fazer a atividade por não dominarem este comando.” (sic) (Aluno 7)

“Se for para usar os vídeos que sejam em equipes e que não precise se deslocar para algum lugar, onde todos os participantes estejam presentes, bem como edição não seja considerada como ponto de avaliação.” (sic) (Aluno 8)

“Acho que não deveria ser exigida essa forma de avaliação.” (sic) (Aluno 9)

Dentre as sugestões, é apontado como uma vantagem criar a opção de realizar o vídeo de forma individual ou em equipe, o que ocasionaria em uma maior flexibilidade para os participantes. Atualmente, esta opção é definida pelo comando da atividade que explicita se a gravação deverá acontecer individualmente, ou em grupos, inclusive especificando a quantidade de membros. Outros alunos, além da preferência pelo vídeo ser gravado em equipe, solicitam que as gravações aconteçam sem que haja a necessidade de todos estarem presentes no mesmo local durante a gravação, ou seja, o vídeo deveria ter as partes individuais unidas por meio de edição, situação que atualmente não é permitida. Houve ainda sugestões de que este tipo de ferramenta não seja utilizada como um instrumento de avaliação.

O curso de Licenciatura em Ciências Biológicas – UECE/UAB dispõe de um conjunto próprio de normas e diretrizes para elaboração e avaliação de vídeo educacional. Essas normas são disponibilizadas a todos os envolvidos, trazendo orientações aos alunos para a elaboração dos vídeos educacionais, bem como oferecendo parâmetros para os tutores à distância avaliarem, utilizando parâmetro, os vídeos exigidos nas atividades do AVA.

No referido documento de orientações técnico-pedagógicas estão evidenciados os elementos e características necessários que serão avaliados na produção do vídeo educacional, a saber: conteúdo; proposta pedagógica; aspectos técnico-estéticos (linguagens, roteiro, estrutura narrativa, formato, material de acompanhamento); veracidade; legibilidade (qualidade do áudio e a imagem); e originalidade [Paixão e Vidal 2015].

Por fim, os apontamentos dos alunos na pesquisa levam o referido curso de graduação à distância a um repensar de sua prática, inclusive apontando para a necessidade da disposição de tutoriais, com vistas a possibilitar ao aluno leigo um manuseio das ferramentas de edição de vídeos. Também precisa ser pensado em uma reformulação das diretrizes de avaliação adotadas pela instituição, objetivando mitigar as dificuldades apresentadas pelos alunos, contribuindo assim para uma maior aceitação quanto ao uso da ferramenta vídeo educacional.

4. Considerações Finais

Sob o olhar de discentes de uma graduação à distância constatou-se que há certas dificuldades em relação à produção de vídeos educacionais, ocasionando inclusive a abstenção das entregas em alguns casos. Dentre as dificuldades mais evidentes, destacou-se: a falta de habilidade no uso das ferramentas de gravação, edição e postagem; a opção de não querer se expor nas gravações; o pouco tempo para produzir os vídeos.

Foram apresentadas sugestões que possibilitem uma melhor adequação da ferramenta como instrumento de avaliação no curso, a saber: cursos de edição e

manuseio dos vídeos; opção de escolher produzir os vídeos em equipe ou individual, com vistas a uma maior flexibilidade por parte dos alunos.

Diante dos resultados apresentados, faz-se necessário o repensar pedagógico do uso desta ferramenta, em especial no processo de avaliação utilizado no curso, bem como a criação de tutoriais e até mesmo uma reformulação das diretrizes adotadas pela instituição, visando reduzir as dificuldades apontadas, contribuindo assim para uma maior aceitação discente quanto ao uso da ferramenta vídeo educacional.

Referências

- Amim, L. H. L. V. (2011). Melhoria da Qualidade em Educação a Distância, Estratégias para manter o cliente satisfeito. In: *Revista Científica Internacional em EAD*. 2. ed. PUBLIT.
- Bacich, L., Tanzi Neto, A. e Trevisani, F. M. (Org.) (2015). *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso.
- Corrêa, J. (2007). *Educação à distância: orientações metodológicas*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- Férres, J. (1996). *Vídeo e Educação*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Machado, R. B. M. e Sousa, M. M. B. (2017). *Expectativas X Realidade em EAD: vivências e desafios dos estudantes de licenciatura em Ciências Biológicas UECE*. Anais II Seminário de Integração da UAB do Ceará. Fortaleza. Out.
- Marangoni, R. e Maia, R. (2007). Ambiente interativo de aprendizagem: módulos de áudio-conferência e vídeo-aula para o Moodle. In: *Workshop em Informática na Educação (sbie)*. XVIII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação. SBIE. Mackenzie. 2007.
- Moran, J. M. (2012). *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. 5. ed. Campinas, SP: Papirus.
- Paixão, G. C., Pantoja, L. D. M. e Arruda Filho, J. N. (2015). *Experiência de mídia-educação: a prática e os desafios do uso do YouTube® em um curso de graduação a distância*. In: 6º SEMINÁRIO NACIONAL DO EdaPECI. Educação Digital na Contemporaneidade? 2015, Maceió. Anais do 6 EDAPECI. v. 3. p. 477-488.
- Paixão, G. C. e Vidal, E. M. (2015). *Ferramentas técnico pedagógicas em EaD: orientações sobre processos de avaliação formativa*. Fortaleza: UAB/ UECE, 2015.
- Schneider, C., Caetano, L. e Ribeiro, L. O. M. (2012). Análise de vídeos educacionais no YouTube: caracteres e legibilidade. *RENOTE – Novas Tecnologias na Educação*, v. 10, n. 1, p. 1-11.